

## Tradução como transgressão: entrevista-conversa com Jess Oliveira<sup>1</sup>

Samara Moço Azevedo<sup>1\*</sup> , Danielle Pereira de Araújo<sup>2</sup> , Jess Oliveira<sup>3</sup> ,

Mariana Martha de Cerqueira Silva<sup>4</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - Brasil. <sup>2</sup> Universidade de Coimbra – Portugal. <sup>3</sup> Universidade Federal da Bahia – Brasil. <sup>4</sup> Universidade de São Paulo – Brasil.

\*Autor de correspondência: [samara.moco@gmail.com](mailto:samara.moco@gmail.com)

### RESUMO

A Coletiva Corpos Insubmissos, grupo de pesquisadoras negras, tem entendido cada vez mais a importância de ocuparmos, de forma insubmissa, os lugares de fala, mas também de escrita, um universo bastante desafiador para nós, mulheres negras. Neste sentido, o texto que apresentamos nesta publicação nasce de uma entrevista-conversa realizada com Jess Oliveira em setembro de 2020. Nesse sentido, partindo da importância política da linguagem, dos diálogos transnacionais e da tradução para pensar a luta anticolonial, a Coletiva, entrevistou-conversou com Jess Oliveira sobre a importância da autodefinição, o papel da linguagem, o processo de tradução e a importância das intelectuais negras na produção de práticas de insubmissão.

### ABSTRACT

The Insubmissive Bodies Collective, a group of Black women researchers and scholars, has come to the understanding that it is not only critical to occupy, in an unsubmissive way, places of enunciation but also of writing, which might be challenging for us, Black women. In this sense, the following text is born out of a conversation-interview with Jess Oliveira in September 2020. In this sense, starting from the politics of language, transnational dialogues and translation in order to think about the anti-colonial struggles, the Collective interviewed and talked with Jess Oliveira about the importance of self-definition, the role of language, translation processes and the importance of Black intellectuals in the production of practices of insubordination.

### RESUMEN

El Colectivo cuerpos insumisos, un grupo de investigadoras negras, ha ido comprendiendo cada vez más la importancia de ocupar, de manera insumiso, los lugares del habla pero también de la escritura, un universo muy desafiante para nosotras, las mujeres negras. En ese sentido, el texto que presentamos en esta publicación nace de una entrevista-conversación sostenida con Jess Oliveira en septiembre de 2020. En ese sentido, partiendo de la importancia política del lenguaje, los diálogos transnacionales y la traducción para pensar la lucha anticolonial, el Colectivo entrevistó y conversó con Jess Oliveira sobre la importancia de la autodefinition, el papel del lenguaje, el proceso de traducción y el importancia de los intelectuales negros en la producción de prácticas de insumisión.

### PALAVRAS-CHAVE:

Insubmissão  
Linguagem  
Literatura de autoria  
negra  
Performance  
Tradução

### KEYWORDS:

Black Literature  
Insubmission  
Language  
Performance  
Translation

### PALABRAS-CLAVE:

Actuación  
Insumisión  
Lenguaje  
Literatura escrita por  
negros  
Traducción

**SUBMETIDO:** 28 de junho de 2023 | **ACEITO:** 16 de agosto de 2023 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2023

© ODEERE 2023. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Resolvemos chamar este texto de entrevista-conversa porque entendemos a necessidade de recusar o modo colonial de produzir conhecimento baseado na separação entre sujeito que conhece versus objeto de conhecimento. Neste caso, entrevistadoras versus entrevistada. Romper com essa separação possibilitou que o processo de trocas, ao longo da transcrição e edição das falas entre as pessoas envolvidas, respeitasse a condição de sujeito de conhecimento de todas elas, aliando escuta ativa, ética de autoria, autonomia e colaboração.

Jess Oliveira (UFBA/TU-Berlin) é tradutora, pesquisadora, professora, crítica literária, poeta e integrou no período de 2017 a 2022 o extinto grupo de pesquisas “Traduzindo no Atlântico Negro” (UFBA). Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (UFBA), pesquisadora bolsista no Zentrum für Interdisziplinäre Frauen- und Geschlechterforschung da TU-Berlin e professora visitante no Departamento de Espanhol e Português do Colorado College (EUA). Foi bolsista CAPES/DAAD (2021-2022) na Universidade Bayreuth, Alemanha. Possui mestrado em Estudos da Tradução pela UFSC e graduação em Letras (alemão/português) pela USP. Traduziu para o português brasileiro Tanya Saunders, May Ayim, Grada Kilomba, bell hooks, Patricia Hill Collins, Denise Ferreira da Silva, Dionne Brand, Christina Sharpe, Jackie Thomae, Sylvia Wynter, Zoé Samudzi, Angela Davis, Isabel Wilkerson, entre outras intelectuais da diáspora africana, e para o inglês e/ou alemão textos de Tatiana Nascimento, Leda Maria Martins, MuSa Michelle Mattiuzzi, Lélia Gonzalez, Ochy Curiel, Rosana Paulino, Jota Mombaça, Tiely, o e-book “32 Vozes Negras por Marielle Franco”, entre outras, e integra, com Bruna Barros, o cocuruto duo<sup>2</sup> de arte-tradução.

As conexões entre sua formação acadêmica, posicionamentos políticos e experiências pessoais confluem no seu exercício profissional. Em sua dissertação de mestrado, a pesquisadora apresentou o surgimento do movimento negro alemão, a produção poética/teórica de May Ayim e o processo tradutório dessa poética no Brasil. Nesse sentido, não é o acaso que aproxima Jess Oliveira da tese *Plantation Memories: episodes of everyday racism* (2008) de autoria de Grada Kilomba, traduzida para o português brasileiro pela entrevistada.

Partindo do entendimento da importância política da linguagem, dos diálogos transnacionais e da tradução para pensar a luta anticolonial, em setembro de 2020 a Coletiva Corpos Insubmissos<sup>3</sup> convidou a tradutora Jess Oliveira para uma entrevista-conversa que aconteceu de forma síncrona e remota, por meio de uma plataforma digital.

**Camila Contão:** Vamos abordar a questão da linguagem tendo como referência

---

<sup>2</sup> <https://www.cocurutoartduo.com>. Plataforma de experimentação em tradução e arte.

<sup>3</sup> Além das autoras deste artigo, as pesquisadoras Ana Cristina Leal Ribeiro, Cintia Ataliba, Camila Contão, Carmem Regina Teixeira Gonçalves, Danuza Felipe e Patríscha Grundner foram as responsáveis pela elaboração e realização desta conversa.

Frantz Fanon<sup>4</sup> no livro “Pele Negras, Máscaras Brancas”. No capítulo “O Negro e a Linguagem”, Fanon discorre sobre a imagem e autoimagem do negro ocidentalizado que foi, e que ainda é formado a partir da linguagem do branco. Ao aprendermos outras línguas, como a língua inglesa, por exemplo, que é representante de uma hegemonia colonial, política e ideológica, quais os limites e desafios que se impõe entre recolonização e o engajamento político?

**Jess Oliveira:** Para mim, essa pergunta surge primeiro com a língua portuguesa, “Por que eu falo essa língua?”; “Por que me obrigaram a falar essa língua?”; “Por que ela é a minha língua materna?”. Então começo essa pergunta com a língua portuguesa e daí parto para uma crítica ao *pseudo* monolingüismo brasileiro.

A gente cresce ouvindo que no Brasil a língua oficial é o português, que a gente fala português, e isso é muito estranho! Eu dizia “falo brasileiro” quando era criança porque era lógico: “estou no Brasil”. E aí eu era corrigida pelas professoras, era quase um crime falar que você falava brasileiro quando era criança, pelo menos nos anos 1990. Eu acho que a minha curiosidade por aprender outras línguas vem daí, do estranhamento de falar uma língua meio estrangeira, porque na minha cabeça não fazia sentido, [risos]. No Japão se fala japonês, na Itália italiano e no Brasil não é brasileiro?

Com o passar dos anos, esse incômodo passou para um sentimento de limitação de falar uma língua só, sendo que o mundo é tão grande e, mesmo o Brasil é tão grande. Na verdade, no Brasil se falam muitas línguas, não é?! De línguas oficiais a gente tem Libras, tem línguas indígenas nativas e africanas que a gente não conhece os nomes, mas estão todas [inseridas] no português brasileiro.

Agora eu moro em Salvador, [tem] muita influência do Yorubá aqui. Essas línguas fazem parte do português brasileiro, principalmente a língua chamada Quimbundo. As nossas palavras mais bonitas vêm do Quimbundo. Temos dengo, manha, cafuné, minhoca, caçula, etc. Nomes de comida: Mugunzá, etc. Enfim, a gente tem muita influência lexical do Quimbundo no Brasil e muita influência sintática também. O jeito que a gente fala, a dupla negação “eu não sei não”, “eu não vi não” é uma característica [...] de línguas do grupo banto,

---

<sup>4</sup> Frantz Fanon nasceu em Martinica em 1925. Foi psiquiatra, filósofo e anticolonialista, e desenvolveu a tese “Peles Negras, Máscaras Brancas”, em 1952.

principalmente do Quimbundo, que eu conheço, infelizmente bem pouquinho [...].

Bom, a partir daqueles questionamentos e incômodos com a língua portuguesa desde criança, eu tive muita vontade de aprender outras línguas e o que estava disponível para mim era o inglês, na adolescência. E eu gosto de línguas e estudei, mas não entendo que sou recolonizada por isso. Fanon escreve “Pele Negras, Máscaras Brancas” quando chega na França, né? Ou a partir de sua experiência na França, em Paris, quando as pessoas falam que o francês dele é de “preto”, é menor, é errado, né? E ele discorre que ‘o negro’ precisa falar a língua do branco para existir no mundo branco. Essa configuração ainda persiste, mas acho que o contexto globalizado do capitalismo cognitivo complica essas questões e então, hoje, pra gente (e aqui acentuo para as pessoas negras) no Brasil, eu acho que é extremamente importante aprender outras línguas para gente sair da colônia portuguesa, né? Porque a mentalidade portuguesa tá na língua, né? A gente aprende a pensar como eles, por exemplo, dentro dos gêneros masculino e feminino, que tá na língua, né? Nos signos positivos e negativos, do preto e do branco, o que é ruim é negro nessa língua: o mercado negro, a lista negra, ovelha negra, isso é uma característica da língua colonial! Então a gente pensa dentro desse sistema e, para mim, aprender outros sistemas é muito importante para sair disso.

E aí para viver, para ter uma circulação maior, para poder me locomover e me comunicar em outros espaços, eu uso muito inglês; e eu tenho usado essa língua, assim como o alemão e o espanhol. Ainda é um jogo colonial, a gente não saiu dele. Talvez aprender línguas indígenas de *Abya Yala* e, para as pessoas negras, aprender línguas africanas, seja essencial também para a gente ter acesso a outros sistemas de visão de mundo, pra gente se comunicar com o continente africano e suas diásporas. As línguas europeias dos países colonizadores são muito parecidas, só observar as estruturas de gênero, por exemplo. Quando vamos para línguas africanas, o gênero das palavras, como o conhecemos das línguas latinas, muitas vezes, se desmantela.

Tem um estudo da Oyèrónké Oyèwùmí<sup>5</sup>, que é uma intelectual e professora

---

<sup>5</sup> Oyèrónké Oyèwùmí é professora titular de sociologia na Stony Brook University (EUA). Ela nasceu na Nigéria e a obra referida pela entrevista é *A Invenção das Mulheres: Construindo Um Sentido Africano para Os Discursos Ocidentais de Gênero* (edição em português pela Bazar do Tempo de 2021, com tradução de Wanderson Flor do Nascimento).

nigeriana, no qual ela argumenta que os povos Yorubás não entendiam gênero como o Ocidente o faz. Entendo o aspecto opressor de ter que falar inglês, por exemplo, mas eu tenho usado essa língua pra me comunicar pelas diásporas. Principalmente na tradução, eu tenho usado essa língua, e tenho instrumentalizado ela para o meu estudo e para divulgação de leituras. Agora no Brasil tá rolando muita tradução de autoria negra e o sucesso de recepção que foi, por exemplo, minha tradução da Grada Kilomba, [...] uma artista e teórica portuguesa, que conheci na Alemanha e que escreve em inglês, comprova essa importância de se apoderar de línguas. O fato de Kilomba ser portuguesa e escrever em inglês deu muito o que pensar. Quando eu conheci o trabalho dela imediatamente pensei: “Pô, ela é portuguesa, e não se encontra nada do seu pensamento em português?” [...] Por quê? Daí fui pensando e entendendo a relação de cativo epistemológico de Portugal e, por consequência, do Brasil. [Em Portugal] não iam publicar ela, publicaram depois que vendeu aqui no Brasil, né? O reconhecimento dela em Portugal foi posterior ao reconhecimento dela no Brasil, e eu acho que isso se deve muito, modéstia à parte, à tradução. Publicamos a tradução do primeiro capítulo do livro “Memórias da Plantação” em 2016 numa revista de tradução em literatura da USP e o texto rodou muito, ficou muito conhecido, né? E aí depois, no ano passado [2019], a gente publicou a tradução inteira do livro. Portanto, eu uso a língua inglesa, sim, não para recolonizar, mas talvez para descolonizar, né? Eu sei que o inglês, o francês, o alemão, o português são línguas coloniais, portanto, são línguas de poder, e poder é o que não temos neste mundo antinegro. Através da tradução podemos fazer subversões também, fazer circular pensamento negro etc. Então é uma ferramenta.

**Ana Ribeiro:** Essa tradução vem para a gente exatamente com essa possibilidade de acesso a esse outro conhecimento que é negado para gente, né? E aí você própria já falou que percebe o quanto essa sua prática é importante e necessária. Falando dessa prática, nós acompanhamos a sua participação no Ciclo Carolina Maria de Jesus, que foi a comemoração de 60 anos do livro “Quarto de Despejo” e lá você fala que a prática da tradução transborda a universidade, né? Você relaciona esse transbordar com a apropriação desse trabalho por artistas e cita que a sua pesquisa tem se direcionado para o campo da performance. A gente

queria compreender de que maneira você tem elaborado a noção de performance, pensando nesse contexto afrodiaspórico.

**Jess Oliveira:** Tô tentando elaborar algo neste sentido sim, pois trata-se de um desenvolvimento dessa prática, isto é, traduzir um texto. Para mim a tradução de textos é uma prática solitária e pessoal. Era eu, meu computador e o texto, né? Apesar de envolver diálogos e pesquisas intensivas, traduzir é um ato muito solitário. E aí traduzir poemas, principalmente de May Ayim<sup>6</sup>, uma intelectual quase inacessível no Brasil (por conta da língua) e quase inacessível também na Alemanha, (por conta de políticas da supremacia branca) [...] tem gerado desdobramentos que eu tô tentando investigar, tentando elaborar. Primeiro, ela é uma artista negra, e a academia tem pensado: “o que é literatura negra?”; “A literatura negra é quando uma pessoa negra escreve ou a literatura negra é quando há uma personagem negra em primeira pessoa?” Enfim, existem tentativas de definições nas quais a literatura de autoria negra não se encaixa, sempre excede, porque existem aspectos interdisciplinares e culturais envolvidos.

Intrinsecamente há elementos e modos que são da diáspora, do continente e se refazem na diáspora, como as culturas musicais do *hip hop*, das batalhas de *rap*, dos *saraus*, do teatro negro, por exemplo. Então, para a crítica literária pautada em padrões europeus fica difícil no distinguir entre literatura, teatro, performance, música etc.

Trabalhando com poesia oral – que é a poesia de Ayim – não pude ignorar o papel da oralidade, nem da importância de modos de pensar e ser próprios da diáspora africana; não pude ignorar a importância da performatividade. Tem uma experiência ali, uma subjetividade, né? Um modo de habitar o mundo, de se movimentar, de atravessar e de refabular o mundo que é muito específico dessa experiência, com a qual me identifico.

Quando conheci a obra de Ayim eu estava morando na Alemanha e não tava entendendo um monte de coisa. Eu estava me movimentando na academia e nas ruas de um país racista e patriarcal, no coração da Europa, no qual eu não

---

<sup>6</sup> May Ayim (1960-1996) nasceu em Hamburgo, na Alemanha e foi pioneira do movimento negro alemão durante as décadas de 1980 e 1990 e continua sendo uma referência para as movimentações artísticas e políticas negras contemporâneas em países de língua alemã, bem como na diáspora africana.

podia fazer nada sem ser monitorada, onde ouvia muitos absurdos. Enfim, vocês [da Coletiva] são imigrantes, vocês sabem do que estou falando! E de muitas maneiras, a poesia dela me traduziu. Eu digo que ela traduziu essas experiências que [eu] não *tava* conseguindo colocar em palavras, ou que eu não queria colocar em palavras porque são experiências muito complexas e limitantes e não queria me limitar. Conhecer sua vida e obra a partir de um filme<sup>7</sup> foi bastante revelador. Uma coisa é ler poemas, outra coisa é ver a artista recitar sua poesia, *né?* Vê-la e ouvi-la foi crucial naquele momento da minha vida, pois além de me inspirar a estudar sua obra, acessei a história e um precedente para as experiências que eu estava vivenciando. Um rastro de vida e arte num país (e num mundo) que apaga a todo custo a vida negra. Então, dediquei minha dissertação de mestrado a divulgar sua obra em contextos lusófonos e à elaboração do processo de tradução de parte de sua obra no Brasil.

Num congresso em 2017, encontrei a professora Denise Carrascosa<sup>8</sup>, que estava no mesmo GT [grupo de trabalho] que eu, e ela me disse “acho que você deveria ler os poemas, performá-los, não apenas falar sobre eles”. E aí, durante a escrita da dissertação, fui percebendo que, de alguma forma, estava me tornando poeta, *né*, uma vez que, para traduzir poemas, você escreve outros poemas. Tem que trabalhar com os códigos da língua que você *tá* traduzindo. Mas neste caso, existem códigos que excedem as línguas, existe a oralidade, existem histórias, paralelos e diálogos transnacionais.

Existe uma ética para traduzir textos de autoria negra, um compromisso ético com nossas vidas e legados intelectuais, e não menos importante: existe uma ética estética, que envolve a performatividade da poeta e, por conseguinte, da tradutora. Então tenho tentado falar [...] desse devir, desse processo de tornar-me poeta que evoca a performatividade, a oralidade da poesia, *né?*

[...] Estou performando todo processo de tradução, estou sentindo e

---

<sup>7</sup> Hoffnung im Herz. Direção. Maria Binder. Alemanha: 29'. 1997. Disponível: <https://vimeo.com/ondemand/mayayim/>

<sup>8</sup> Denise Carrascosa é doutora em crítica literária e cultural, tradutora literária, advogada e professora de literatura na Universidade Federal da Bahia, na graduação do Instituto de Letras e no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura. Lidera o projeto de pesquisa “Traduzindo no Atlântico Negro” e coordena, há 12 anos, o projeto de extensão *Corpos Indóceis e Mentes Livres*: trabalho de produção de oficinas de escrita literária no Conjunto Penal Feminino do Complexo Penitenciário Lemos Brito, na Bahia.

transmitindo o texto. É um modo de existir e de (me) comunicar, é um modo de homenagear a autora e, principalmente, um modo criativo, artístico, de existir. Além disso, a performance é um resultado (mais acessível do que a dissertação escrita, inclusive) de um processo de elaboração (de no mínimo dois anos) de tradução de poesia que é intenso e criativo.

[...] Tem um texto que Ayim escreve para seu avô, que é de Gana. No poema, eles se encontram. Ela cria poeticamente um espaço imaginário entre Alemanha e Gana onde eles se encontram... e onde ela é o fruto desse encontro. O poema cria diversas imagens metafóricas, como a de uma noqueira que dá manga. Ela vai fazendo essas associações, imagens belíssimas e, em determinado momento, ela fala que encontra o avô na mata do pensamento. Enquanto eu elaborava a performance, encontrei um código no meu corpo: tocar no meu cabelo no momento que falo da mata do pensamento. Encontrar este código foi falar da minha relação com o meu cabelo e com o meu pensamento, foi sentir orgulho de ambos, foi performar um espaço de encontro com minha ancestralidade, com minha intelectualidade de tradutora, um espaço de encontro com a obra de Ayim também. Ela encontra o avô no cabelo dela, né? Na ancestralidade dela. Tudo isso tem muito significado pra gente.

Então, fui criando, a gente vai criando na performance outros significados. Neste sentido, o processo de tradução é um *continuum*. E aí é, mais ou menos, o que eu tô pensando no doutorado em Literatura e Cultura. Estou tentando sair dessa discussão sobre literatura brasileira e literatura negra, sabe? Pois parece que a literatura negra tá fora da brasileira e sendo que Machado de Assis foi um escritor negro, né? Então, a partir de definições simplistas como estas, ele deveria sair da literatura brasileira e ir para a literatura negra? (risos). É aquela confusão da nação [...] é um indício de que não temos nação, tanto que eles [brancos] inventam uma literatura para a nação, um discurso nacional, a gente sabe disso pelo romantismo: romantismo alemão, romantismo brasileiro, né? Como os autores brancos construíram uma nação através da literatura e como a literatura negra desmantela essa nação que eles estão construindo? Ao trazer outras perspectivas que não cabem na nação?

Agora eu tô fazendo essa discussão teórica, tentando pensar, sincronicamente, nas movimentações de pessoas negras no Brasil e na Alemanha.

Aqui temos nos anos 1930 a Frente Negra Brasileira<sup>9</sup>, mas o que a gente conhece hoje mesmo é o Movimento Negro Unificado<sup>10</sup>, como marco, digamos assim. O surgimento do movimento negro alemão também se dá nos anos 1930. É interessante pensar nessa sincronicidade, pensando também em literatura, nas movimentações negras e de como não podemos separar, pois literatura negra é movimento negro, tradução negra é movimento negro, literalmente, porque a gente tá se movimentando entre línguas, entre nações, entre fronteiras... Às vezes, penso que é um caminho meio infrutífero, me vejo nessa loucura tentando arrumar uma linearidade para isso que não é linear, né? Tô lendo a professora Leda Maria Martins<sup>11</sup>, com quem já conversei no mestrado e seu “tempo espiralar” que é tempo da experiência negra, né? Não viver apenas hoje, viver o tempo da subjugação racial o tempo todo, um tempo que deveria ter ficado no passado, e também viver o futuro de nossa ancestralidade, trabalhar para futuros (im)possíveis, performar futuros, possibilidades de estar, de atravessar, de traduzir, de criar, recriar.

**Mariana Silva:** Pensando no campo da tradução, como você tem percebido o interesse pela tradução de obras de intelectuais negras por parte dessas grandes editoras? Quais são, portanto, os principais desafios que você percebe nessa relação?

**Jess Oliveira:** Desde 2015 eu tentava traduzir o “*Plantation Memories*”<sup>12</sup> [...]. Kilomba veio ao Brasil em 2016, e aí comecei a enviar propostas para editoras. Nós combinamos. A tradução e publicação numa revista foi uma ideia que tivemos

---

<sup>9</sup> A Frente Negra Brasileira foi criada em 1931 com o objetivo de defender os direitos civis do povo negro e reuniu entre 8 mil e 40 mil filiados em todo o Brasil, entrando para história como a primeira organização no país a falar que o então chamado 'preconceito de cor' era um problema nacional e estrutural. Foi extinta pelo então presidente da República Getúlio Vargas.

<sup>10</sup> O Movimento Negro Unificado (MNU) foi criado em 1978 como resposta a uma série de violências com base em raça ocorridas no estado de São Paulo. Após a tortura e assassinato do feirante negro Robson Silveira da Luz (acusado de roubar frutas em seu local de trabalho), da discriminação por parte do Clube Regatas do Tietê contra quatro jogadores de vôlei negros e o assassinato do operário Nilton Lourenço pela Polícia Militar de São Paulo, o MNU convocou uma grande manifestação na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo que pedia o fim da violência policial, do racismo nos meios de comunicação, no mercado de trabalho e do regime militar.

<sup>11</sup> Leda Maria Martins é pesquisadora, ensaísta, dramaturga, rainha congadeira e poeta, autora dos ensaios de Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela (Rio de Janeiro: Cobogó, 2021).

<sup>12</sup> Obra de Grada Kilomba que no Brasil foi traduzido por Jess Oliveira com o título *Memórias da Plantação*. Editora Cobogó. Rio de Janeiro, 2019.

juntas. O plano era que a publicação de uma parte do livro, além de funcionar como *teaser*, como divulgação, também era uma amostra do trabalho para as editoras. Seria um material para apresentar às editoras. Fiquei quase um ano tentando, depois que os direitos já haviam sido vendidos, meu nome entrou no jogo.

A tradução foi publicada e uns meses depois, começaram a sair notícias do tipo: “os cinco mais vendidos são negros”, “dos cinco mais vendidos um é indígena”. Tais enunciados ficaram marcados na minha mente... são violentos. Sempre venderam a gente, tipo, desde [o ano de] 1.500 fazem isso. Os contratos com editoras são muito pesados, você vende seus direitos, você não tem direito e não recebe os lucros sobre o seu trabalho. Você vende o serviço de tradução e é isso. Foi um processo difícil, por diversos motivos, mas agora penso que minha inexperiência com o mercado editorial foi um fator considerável. Eu havia traduzido um livro antes, um livro de uma intelectual estadunidense, que conheço pessoalmente, negociamos de uma maneira tranquila, trabalhamos juntas na tradução. Ela tirava cada dúvida que surgia, de contexto, de tradução. Tivemos trocas maravilhosas e publicamos muitos anos depois, pois a pandemia atrasou e foi por uma editora universitária. Esse processo respeitou mais meu trabalho intelectual. Tive mais liberdade de escolhas, mais poder de decisão, e principalmente, mais tempo para trocar ideia com a autora.

Agora – voltando à pergunta – este ano [2020] tá uma loucura, né? Tá rolando um *boom* de publicação de autoria negra. E é interessante ver isso depois da crise que as editoras e livrarias no Brasil passaram há alguns anos. Muitas livrarias fecharam, mas não nos enganemos: esse *boom* é resultado das políticas de cotas nas universidades, isto é, resultado de um trabalho de décadas, de séculos. Trabalhamos muito por isso. Mas infelizmente, ainda não temos visto os frutos financeiros disso. Temos editoras negras importantes, mas que (ainda) investem pouco em tradução. Então, estamos trabalhando com editoras brancas, sudestinas.

Se pensarmos no trabalho de tantas outras tradutoras como Tatiana Nascimento, com sua tese de doutoramento (de 2014) dedicada à tradução de autoras negras e lésbicas, no trabalho de coletivos de mulheres negras que traduziam Ângela Davis, bell hooks, coletivos pan-africanistas no Brasil que fazem

muita tradução, e há muito tempo, e que agora tem enfrentado editoras brancas com poder aquisitivo de compra de direitos. As editoras brancas têm capital para a compra. Nós ainda temos pouco ou nenhum poder aquisitivo. É aí que a conta antirracista não fecha. Vamos ver quanto [tempo] dura esta onda. O interesse, sabemos, é monetário, e o antirracismo está vendendo.

Enquanto isso, desejo que possamos nos erguer no sentido de poder comprar direitos, fazer nossas decisões tradutórias e editoriais, conversar com as autoras e autores sem interceptação. Tudo o mais, já temos: conhecimento, competência, projeto [...]. Quando os livros chegam nas pessoas é gratificante ver o resultado, ver a galera preta lendo, conversando, criticando, citando o texto, citando a tradução [Por favor, sempre cite nas referências a pessoa responsável pela tradução]. Isso é maravilhoso, mas, simultaneamente, é muito difícil trabalhar nesse signo do capitalismo, né? Agora tá vendendo, e aí, agora a gente tem que traduzir tudo. Agora estão traduzindo Audre Lorde, eu tô feliz, eu tô feliz, óbvio. Traduziram! As pessoas vão ter acesso, mas tem um atraso aí de 50 anos. Em 50 anos, muita coisa já foi feita, publicada, discutida. Então a gente fica sempre 50 anos atrás no Brasil? Enquanto as editoras também têm criado tendências, e talvez teóricas brasileiras estejam sendo negligenciadas.

**Danuza Felipe:** Então a tradução se configura mais para você enquanto engajamento político, né? Que é uma forma também das pessoas conseguirem acessar produções negras, né? Tanto no contexto da diáspora, quanto no continente. Eu tenho percebido muito isso, percebo uma movimentação das pessoas para aprender, por exemplo, para dar curso de Yorubá, Suaíli, né? Tem acontecido uma movimentação nesse sentido. E também tem que se apropriar dessas línguas coloniais de uma maneira consciente, sabendo que isso é uma forma da gente conseguir acessar essas produções espalhadas pelo mundo fora.

**Jess Oliveira:** Exatamente. E da gente conversar internacionalmente, né?! Porque se a gente quer construir, sei lá, um movimento negro, algo que tá dentro das nações, e a gente só se comunica com quem fala português estamos fadadas aos limites da nação que nos escravizou e não vai parar tão cedo de nos explorar, [...] porque a diáspora é transnacional, a gente não tem nação, né? A gente não é

acolhida em nenhuma nação, a gente não é acolhida em Portugal, a gente não é acolhida na Alemanha enquanto cidadãs plenas, e não é só pelo fato de não termos cidadania alemã ou portuguesa. É pelo fato de sermos negras.

No Brasil, não é diferente; não temos acesso a direitos... neste sentido, nos comunicarmos com a diáspora africana em qualquer parte do mundo, uma diáspora que fala muitas línguas – é imprescindível. Mas temos feito este movimento e não é de hoje. Só pensar nas trajetórias de Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, por exemplo...e as linguagens das artes, do samba, do *rap*, da capoeira, que sempre viajaram, dá esperança, torna bastante nítidos tais precedentes, tais meios de comunicação e de vida.

É como você disse, a gente tem aprendido mais línguas africanas, elas têm se tornado mais acessíveis hoje em dia e acho que é um começo de um futuro de liberdade cognitiva, de liberdade de escolhas, de liberdade epistêmica. Dá para pensar em diálogos não mais mediados por línguas coloniais. Aí vai ser maravilhoso [risos].

**Danielle Araújo:** Como é que seu trabalho gera insubmissão e, como essa tradução de obras produzidas por pessoas negras se insurgem contra o mundo racista e por quê? Ou seja, por que traduzir essas pessoas gera transformação?

**Jess Oliveira:** A gente vive muitas coisas, *né*... que estão sendo faladas pelas personagens, tratadas por uma Toni Morrison, por uma Conceição Evaristo, por uma May Ayim e a gente se identifica, e não só se identifica, mas também aprende sobre nossas vidas e histórias, entende signos não verbais e a gente principalmente elabora em cima disso, *né*? [...] Não é apenas uma transfusão de palavras de uma língua para outra, de um sistema linguístico por outro; a tradução negra, de autoria negra, trabalha com outros códigos, *né*? A gente trabalha com memória, com insubmissão, [...] a gente tem projetos tradutórios outros, *né*.

Para traduzir a própria Kilomba – só pra trazer um exemplo conhecido – eu re-trabalho sua linguagem, não ignoro a crítica que ela faz (em inglês) à linguagem. Ela critica, inclusive, a língua portuguesa, e então não tem como eu traduzir para o português “padrão”, um português “limpo”, com o qual o português vai se sentir confortável, *né*? A autora tá mexendo com os termos, ela tá mexendo

com a palavra “negro”, por exemplo, né? Ela tá dizendo que essa palavra não é ideal, que ela não dá conta da nossa experiência. Esta é uma palavra que nos deram e que a gente ressignificou, já que esta – e outras – palavras na língua portuguesa são as palavras do colonizador, da violência. Hoje no Brasil, a gente tem ressignificado “preto”, “sapatão”, “bixa”, etc [...]. Então não dá pra ignorar tudo isso e pensar no que “o leitor padrão” julgará mais adequado. O leitor padrão morreu! Ele nem compra mais livros, ou, ao menos, ele teve que se readaptar a variantes linguísticas, fazer um esforço cognitivo para ler autoria negra, autoria indígena, autoria de mulheres.

Eu vejo então a tradução como insubmissão justamente porque é a gente que tá fazendo e ao fazer, estamos nos defrontando com o pensamento negro de outros lugares, de outras configurações históricas, mas também com as semelhanças. Não vejo exatamente como insubmissão ‘só’ a tradução de autoria negra. Já que no Brasil, e em geral, existe uma ideia de quem é o tradutor, no masculino mesmo. Que é essa pessoa inalcançável, muito erudita, que tem acesso a diversos mundos, culturas, línguas, viajado, que transita, que tem sua sala, sua biblioteca em casa e traduz em silêncio. [...]. Se vocês me perguntassem há uns 11 anos eu descreveria o tradutor como um professor universitário, que traduz nas horas vagas, sabe? Quando a gente [pessoas negras] traduz, isso muda, né? Porque quando as pessoas me veem, a primeira coisa que elas não pensam é que eu sou tradutora. Não que eu queira esse reconhecimento na minha testa, não é sobre isso, mas geralmente a ideia que se tem das mulheres negras no Brasil, por exemplo, não é a ideia de uma tradutora, de uma poliglota, né? Então, eu acho que isso é insubmissão também [...] a gente vai mudando imaginários que a sociedade tem sobre a gente, vai mudando os textos também, as tessituras, os modos de ler [...] toda pessoa que traduz interpreta e muda o texto, produz outro texto. A tradução é um espaço de muito poder. Você tá manipulando, interpretando, conversando, mediando um texto, então você escolhe as palavras que julga mais adequadas. Bem, muitas vezes, as palavras que você escolhe não são escolhidas pela autora ou pela editora, mas você exerce um poder de escolha naquele momento. Você é coautora. A tradução é coautoria [...] fico feliz com o resultado e com os diálogos, né? Com traduções de colegas. Acho que é para isso que eu faço, não é para as editoras brancas, não é para o mercado editorial, é

primordialmente para as minhas comunidades.